

Adoecimento docente: um estudo com professoras de uma rede municipal de educação

DOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2024.22.2.8879>

Thamirys Padilha¹; Ludmila Carneiro Araujo²; Bruno Venancio³

Resumo: Este estudo tem como objetivo entender quais os fatores que levaram professoras da Rede Municipal de Educação do interior de Minas Gerais a se afastarem das salas de aula e se submeterem à situação de ajuste funcional. Foram realizadas entrevistas com 12 professoras em situação de ajuste nas escolas públicas municipais. A pesquisa se caracteriza como qualitativa e como ferramenta de coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada. Após a coleta de dados, foi realizada a análise e interpretação das informações. Ao término da realização da pesquisa, foi possível constatar que nessas professoras entrevistadas havia a presença de adoecimento tanto físico quanto mental. Calos nas cordas vocais foi um dos casos mais citados pelas docentes. Constatou-se que a carga horária contribui para o desgaste dessas profissionais. Conclui-se, a partir das análises, que as docentes precisam sentir-se mais seguras emocionalmente para exercer sua profissão e serem mais valorizadas. Portanto, ressalta-se a necessidade de olhar para as condições de trabalho do (a) professor (a), para o seu bem-estar e para a sua saúde, e não somente para os resultados de sua ação profissional.

Palavras-chaves: Adoecimento docente, Afastamento, Trabalho Docente.

Teacher illness: a study with teachers from a municipal education network

Abstract: This study aims to understand the factors that led teachers from the Municipal Education Network in the interior of Minas Gerais to leave the classroom and submit themselves to the situation of functional adjustment. Interviews were carried out with 12 teachers in adjustment situations in municipal public schools. The research is characterized as qualitative and as a data collection tool, semi-structured interviews were used. After data collection, the information was analyzed and interpreted. At the end of the research, it was possible to verify that in these teachers interviewed there was the presence of both physical and mental illness. Calluses on the vocal cords were one of the cases most cited by teachers. It was found that the workload contributes to the burnout of these professionals. It is concluded, from the analyses, that teachers need to feel more emotionally secure to practice their profession and be more valued. Therefore, the need to look at the teacher's working conditions, their well-being and health, and not just the results of their professional action, is highlighted.

Keywords: Teacher illness, Leave of absence, Teaching work.

Introdução

O adoecimento psicológico por meio do trabalho tem ressaltado cada vez mais a necessidade de investigações quanto aos fatores prejudiciais à saúde mental do trabalhador presentes nas atividades ocupacionais (Codo, 2007). Uma das profissões que provocam forte

¹ Pedagoga pelo Centro Universitário Governador Ozanan Coelho (UNIFAGOC) e professora da educação básica (Secretaria Municipal de Educação- SME Ubá).

² Pedagoga e Mestra em Educação pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

³ Licenciado em Ciências Biológicas e Mestre em Educação pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), Doutorando em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

preocupação referente à saúde mental é a de professor, especialmente em relação aos profissionais que atuam na Educação Básica brasileira.

Estes profissionais da educação, nas últimas décadas, têm sofrido uma insatisfação no trabalho, tanto na exigência de posturas requeridas pela sociedade como problemas relativos aos recursos materiais e humanos. Segundo Schwalm (2010), os professores que lidam com turmas que possuem muitos alunos, por exemplo, podem sofrer uma carga emocional muito grande, causando ansiedade, depressão, apatia e estresse. Por essa razão, a Organização Internacional do Trabalho (OIT), junto à Unesco, tem recomendado em várias oportunidades, desde os anos 1980, não superar 25 alunos por turma e 500 alunos por escola.

Segundo Benevides-Pereira (2002), o excesso de trabalho está associado ao aumento de problemas mentais aos indivíduos causando uma série de problemas, e a Síndrome de Burnout é um desses problemas que afeta a classe docente no Brasil e no mundo. Burnout é um tipo de estresse ocupacional que acomete profissionais envolvidos com qualquer tipo de cuidado em uma relação de atenção direta, contínua e altamente emocional (Maslach; Jackson, 1981). Atualmente a definição mais aceita do Burnout é a fundamentada na perspectiva social-psicológica de Maslach e Jackson, (1981), sendo esta constituída de: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização pessoal e no trabalho.

A atuação no campo da educação envolve um enorme contingente de desafios e responsabilidades, uma vez que o profissional se depara com inúmeras situações que vão além do ato de ensinar. Segundo Ferreira (2021, p. 35) “é fundamental para o professor aprender a prevenir e enfrentar as ‘doenças das emoções’ para que tenham melhor qualidade de vida e para que exerçam a difícil função de educadores.” O adoecimento dos docentes torna-se cada vez mais uma presença na escola, sendo, portanto, uma temática que está na ordem do dia, em debates e pesquisas acadêmicas. Investigar este caminho é um desafio lançado, não apenas para pesquisadores da área, mas para todos que tenham interesse nesse campo de investigação.

A partir disso, o objetivo geral desse trabalho é entender quais fatores levaram professoras da Rede Municipal de uma cidade do interior de Minas Gerais a se afastarem das salas de aula e se submeterem à situação de ajustamento funcional, ou seja, acontece quando uma professora não pode mais ficar em sala de aula e é colocada em outra função na escola. Dessa forma, a presente pesquisa pretendeu compreender quais aspectos têm causado afastamentos por motivos de saúde e analisar, a partir das falas de professoras que já se afastaram por motivos de saúde, qual a percepção sobre as condições de trabalho.

Para isso, optamos por uma abordagem qualitativa, que é aquela relacionada à subjetividade e à compreensão das opiniões de um determinado grupo (Minayo, 2002). A

pesquisa qualitativa está preocupada em trabalhar com universo de significados, analisando as relações dos processos e dos fenômenos que não são reduzidos à operacionalização de variáveis.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada que, segundo Ludke e André (1996), permite a captação imediata e corrente de informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. O instrumento de coleta de dados foi um roteiro contendo perguntas abertas sobre a temática de estudos.

Para a realização deste estudo, obtivemos a informação com a Secretaria de Educação do município que existia, no momento da pesquisa (2022), 16 professoras em situação de ajustamento funcional. Desse quantitativo, conseguimos realizar a entrevista com 12 professoras. Acreditamos que por meio de seus relatos, obtivemos elementos que nos proporcionaram uma aproximação com o objetivo deste trabalho, ou seja, dialogar com as professoras em ajustamento funcional nos deu indícios sobre o adoecimento docente, possibilitando analisar e compreender sua complexidade e seus desdobramentos.

Os resultados foram organizados por meio da análise de conteúdo por categorização, que de acordo com Minayo (2002), busca caracterizar os elementos que podem surgir de maneira comum pelos entrevistados, e por aqueles que se distanciam e que podem nos indicar questões pertinentes para a investigação. Os nomes das entrevistadas foram trocados por pseudônimos, para preservar suas identidades.

Adoecimento docente no Brasil: condições de trabalho e efeitos na saúde

Diante dos avanços ocorridos no campo educacional, falar de saúde mental é também falar de equilíbrio, emoções e experiências vividas. Os problemas de saúde podem aparecer devido à pressão excessiva no trabalho, família, relacionamento em sociedade e traumas diversos. Nesse sentido, os indivíduos não estão preparados para lidar com seus próprios sentimentos (Ferreira, 2021).

Os desafios da profissão docente perpassam o aspecto da intensificação e da diversificação do trabalho docente, como abordado por Kuenzer e Caldas (2009), que destacam os desafios de ordem mais extrínseca ao trabalho em sala de aula, como a desvalorização social e salarial, as condições de trabalho, a carga mental devido ao envolvimento pessoal e à violência dos diversos contextos.

No Brasil, as doenças mentais vêm atingindo grande parte dos professores e podem aparecer por conta da pressão excessiva de algumas instituições de ensino. Considerando a relevância do papel social dos professores, entende-se o impacto que o adoecimento docente

acarreta não somente ao trabalhador, mas também à escola e à sociedade como um todo (Tardif, 2002).

Cada docente possui uma realidade diferente e isso faz com que a sobrecarga e pressão sejam maiores. Apesar de eles tentarem fugir um pouco dessa rotina para que sua saúde mental não seja prejudicada por causa das experiências que estão vivenciando, em alguns momentos o estresse e as mudanças nas emoções são inevitáveis. Os sintomas do estresse podem ser percebidos de forma física e mental, sendo os mais comuns sentimentos de nervosismo, exaustão, irritabilidade, tensão muscular, aumento das emoções e cansaço prolongado (Dorsch, 2001).

Os possíveis fatores que configuram a presença do mal-estar docente, de acordo com Esteve (1999), incidem sobre a ação do professor em sala de aula, o que ele define como fatores primários que podem gerar tensões associadas a sentimentos e emoções negativas e os fatores secundários, que correspondem ao contexto em que a docência é exercida, afetando a eficácia docente à medida que provoca uma diminuição da motivação dos professores. Os fatores primários incidem diretamente sobre a ação do professor enquanto os secundários acontecem de forma indireta. Quando associados, influenciam a imagem que o professor tem de si mesmo e de seu trabalho, ocasionando uma crise de identidade nesse sentido:

O conjunto de fatores que ingressam na configuração dessa crise apontam a um questionamento do saber e saber-fazer dos educadores, da sua competência para lidar com as exigências crescentes do mundo atual em matéria educativa e com uma realidade social cada vez mais deteriorada que impõem impasses constantes a atividade dos profissionais. (Batista; Codo, 2006, p. 60).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2022), os adoecimentos mentais correspondem ao comprometimento de cerca de 300 milhões de trabalhadores no mundo, sendo mais recorrentes em países emergentes ou em desenvolvimento como o Brasil. A depressão ganha destaque nesse contexto de adoecimento e, dados do último mapeamento sobre a doença realizado pela OMS (2023) apontam que 5,8% da população brasileira sofre de depressão, o equivalente a 11,7 milhões de brasileiros. É importante destacar que 75% das pessoas atingidas pela depressão nunca receberam um tratamento adequado.

A profissão docente já ocupou posição de status na sociedade, quando ter acesso à escolarização era privilégio da parcela abastada da população. Ao longo do tempo, o prestígio da profissão entrou em declínio por vários motivos, como “a obrigatoriedade escolar, a massificação do ensino, o impacto dos meios de comunicação social, a desvalorização do saber escolar, a carga horária etc.” (Jesus, 2004, p. 194). As atribuições destinadas ao professor geram

sobrecarga de trabalho e não há uma separação nítida do ambiente laboral e da vida pessoal, pois o professor leva o trabalho para casa em atividades como planejamento de aulas, correção de avaliação e de atividades, além de participar de reuniões e resolver problemas administrativos.

A questão salarial acaba sendo um fator importante nessa equação, pois o professor ao ter uma carga horária extra podendo influenciar em sua saúde, devido ao fato de trabalhar em dois cargos ou em duas escolas, e atender as exigências que existem na profissão. O acúmulo de trabalho leva o docente ao comprometimento físico e mental (Selig, 2010), o que pode levar a um sentimento de desajuste frente a tantas exigências que lhe são impostas, e quase sempre é o principal apontado como responsável pelas falhas no ensino (Jesus, 2004).

No setor educacional, a profissão docente é uma das profissões vulneráveis a fatores de estresse como: alto nível de exigência, excesso de tarefas e responsabilidades, tempo limitado, sobrecarga de trabalho, falta de qualidade de vida, baixo salário, desvalorização profissional e precariedade do sistema de trabalho. Diante disso, Freitas e Castro (2015, p. 1) afirmam que “além destes fatores, a educação encontra-se imersa em um contexto de profundas mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais, modificando as condições e estruturação do trabalho docente.” Sendo assim, elementos que atingem diretamente a saúde de docentes.

Aguiar (2010) destaca alguns sintomas que estão associados ao adoecimento mental da categoria docente como a irritabilidade excessiva, ansiedade descontrolada, nervosismo, angústia, depressão, além da manifestação de quadros de estresse e síndrome de Burnout. Esses sintomas estão propensos a se desenvolverem, uma vez que a saúde mental no trabalho abrange características pessoais vinculadas às exigências institucionais. A Síndrome não é uma doença, mas um conjunto de sintomas e sinais clínicos resultantes de uma ou mais causas (Tuoto, 2007). A Síndrome de Burnout, para Codo e Menezes (2000), pode ser entendida como um tipo de estresse de caráter persistente vinculado a situações de trabalho, resultante da constante e repetitiva pressão emocional associada com intenso envolvimento com pessoas por longos períodos.

Nascimento e Seixas (2020) apontam que os profissionais docentes necessitam de apoio psicológico por parte das instituições de ensino para que possam exercer sua profissão com dignidade. A psicologia tem sido convocada ao espaço educacional para auxiliar esse profissional diante das problemáticas que permeiam o fazer docente.

Assim, a atenção ao cuidado, à saúde e ao bem-estar na escola não se deve restringir ao aluno, mas deve incluir o professorado e as relações formativas nas quais estes estão envolvidos, com especial atenção para as relações sociais e a organização do trabalho docente. A seguir,

apresentamos os resultados de nossa investigação na qual buscava dialogar com esses elementos.

Resultados e Discussão

Este estudo foi realizado a partir de uma visita à Secretaria Municipal de Educação de uma cidade interiorana mineira, que concedeu acesso ao quantitativo de docentes que se enquadravam na proposta da pesquisa. A lista contava com 16 professoras que se encontravam em situação de ajustamento funcional, ou seja, professoras que, por motivos de saúde, foram afastadas das salas de aula e realocadas em outra função dentro das escolas. Elas foram contactadas e convidadas a participarem da pesquisa. Ao entrar em contato por telefone com as escolas, foi informado que 4 professoras estavam de licença, então as entrevistas foram realizadas com 12 professoras.

Nas visitas, os diretores das escolas apresentaram as funcionárias em ajustamento e o tempo das entrevistas com cada uma foi de 15 a 20 minutos. Os depoimentos foram gravados no aparelho celular com autorização das docentes e transcritos em documento, de modo a registrar a maior fidelidade possível. Essas entrevistas foram realizadas no estabelecimento de ensino onde as entrevistadas atuam. As participantes responderam voluntariamente e foram orientadas a entrar em contato com a Secretaria de Educação em caso de dúvidas ou desconforto durante sua participação. Foram informadas de que os dados que pudessem identificá-las seriam mantidos em sigilo, e a devolução dos dados estaria disponível para aquelas que tivessem interesse.

A seguir, uma tabela com o perfil das 12 participantes da pesquisa, lembrando que as entrevistadas serão representadas por nomes fictícios.

Tabela 1 – Perfil demográfico das participantes

Nome	Nível de escolaridade	Tempo de Profissão	Tempo de Profissão quando entrou em ajustamento
Maria	Pedagogia	19 Anos	14 anos de profissão
Luiza	Curso Normal Médio	41 Anos	30 Anos de profissão
Andréia	Pedagogia	21 Anos	15 Anos de profissão
Cláudia	Pedagogia/ Psicopedagogia	12 Anos	10 Anos de profissão
Rosângela	Pedagogia	15 Anos	9 Anos de profissão
Marilza	Pedagogia	18 Anos	12 Anos de profissão

Cleide	Curso Normal Médio	35 Anos	17 Anos de profissão
Eliane	Curso Normal Médio	29 Anos	21 Anos de profissão
Simone	Pedagogia	32 Anos	18 Anos de profissão
Paula	Pedagogia	22 Anos	10 Anos de profissão
Teresa	Pedagogia	17 Anos	13 Anos de profissão
Neuza	Curso Normal Médio	32 Anos	25 Anos de profissão

Fonte: Elaborada pelos autores

Inicialmente foram feitas as seguintes perguntas: nas turmas em que você lecionou havia quantos alunos em média? Esse número de aluno alterou ao longo dos anos? De modo geral, as respostas variaram entre 18-30 alunos, como mostrado na resposta de Cláudia:

O número médio de alunos das turmas que eu dei aula sempre variou entre 25 e 28 alunos. Em todas as escolas que eu trabalhei, sempre tiveram turmas bem cheias (risos) se saía uma criança em um dia no outro dia já tinha um novato no lugar. (risos). Nas escolas públicas, o número de alunos em sala é sempre alto. (Cláudia).

Rosângela afirmou que em sua turma, havia uma média de 18 alunos. Segundo ela, “esse número de alunos aumentou com o passar dos anos, até porque no início eu trabalhava em uma escola particular né, e depois eu vim para a rede pública e é sempre uma quantidade maior né (risos)”. Cabe refletir sobre o número médio estipulado por organizações internacionais, como a Unesco e a OIT (Organização Internacional do Trabalho) que apontam um número máximo de 25 alunos. As docentes nos informam que esse número nem sempre esteve colocado como máximo. Outro aspecto relevante é o fato de Cláudia dizer que nas escolas públicas o número de alunos em sala sempre foi alto, o que nos leva a problematizar algumas questões da docência em nosso país, como já sinalizados anteriormente.

No que se refere ao aspecto sobre lecionar para turmas maiores, a professora Paula respondeu:

Acho que é muito difícil lecionar em turmas maiores, pra mim... o ideal seria menos alunos, para que possamos dar uma atenção mais “individualizada” porque em uma sala de aula encontramos diversos alunos, uns são mais agitados, outros mais calmos, uns com mais dificuldade que os outros... além de cada aluno carregar consigo uma história diferente... e a gente, com muitos alunos, acaba não conseguindo intervir da forma que queremos. (Paula).

A preocupação apontada por Paula está no campo da atenção necessária que cada aluno requer em seu processo de ensino-aprendizagem. A professora Neuza corrobora nesse sentido, ao dizer que “nada bom... quanto maior o número de alunos maior é a dificuldade para dar aula,

são muitas crianças, umas são bem agitadas e muitas situações acontecendo e aí fica difícil atender a todos” (Neuza). De acordo com Tardif (2002) o adoecimento do professor tem que ser compreendido na sua totalidade, observando as contradições presentes na sociedade e na forma como o profissional lida com os acontecimentos no dia a dia na escola. Outros estudos ainda se fazem necessários, compreendendo o adoecimento no dia a dia na escola, para além das esferas individuais, pois muitas vezes é este o caminho para explicar por que o professor adoece e é submetido ao processo de readaptação.

Foram realizadas também as seguintes questões: qual foi o motivo de seu ajustamento funcional? Quantos anos de sala de aula você tinha quando entrou em ajustamento funcional? De acordo com Luiza:

[...] foi carga horária extensa, eu lecionava em duas turmas né, fase introdutória que hoje é o 1º ano e EJA também 1º ano. Devido a necessidade de falar muito, né, eu comecei a apresentar rouquidão e formaram calos nas minhas cordas vocais e aí eu precisei me afastar, e... na época eu já tinha quase 30 anos de sala de aula.

Cleide respondeu: “bom, meu ajustamento foi por motivo de saúde e uma carga horária muito extensa, ficava exposta àquele pó de giz por muito tempo, passei a ter alergias. Tinha 17 anos de sala de aula na época” (Cleide). Ou seja, percebemos que as condições de trabalho das professoras foram os principais motivos que as levaram a sair de sala de aula. Sobre o mal-estar docente, Esteve (1999, p.12) afirma:

Na profissão docente, o mal-estar chega de forma silenciosa, com as pequenas tensões no dia a dia que vão se acumulando e dificultando o prazer de exercer as suas atividades, levando ao esgotamento físico e mental, os quais podem influenciar no desejo por lecionar. Da mesma forma que esse processo surge com as pequenas dificuldades enfrentadas, cabe ao espaço escolar motivar esses profissionais e tornar o ambiente mais rico, em que exista o alívio de tensões, sendo um espaço em que as soluções sejam coletivas.

O desgaste do professor não é algo que afeta apenas sua própria vida, as suas atividades, anseios e vontades. É possível perceber, segundo Jesus (2004), que é um processo que afeta também a escola como um todo e principalmente os alunos, mesmo que de forma indireta. No que diz respeito às doenças, foram feitas as seguintes perguntas para as entrevistadas: Na sua opinião, você acha que o adoecimento pode ser causa de desistência da profissão? De acordo com Maria: “Acho que sim! Eu mesma pensei em desistir por me sentir pressionada quando me deparei com uma sala muito cheia e a grande cobrança das pessoas” (Maria das Dores). No que diz respeito ao adoecimento Maria e Andréia concordam que sim pode ser causa de desistência da profissão, ao afirmar Andréia diz: “Sim, claro que existem outros fatores, mas... o

adoecimento é uma causa que pesa muito, como a depressão, por exemplo que faz com que o desânimo prevaleça” (Andréia).

De acordo com Esteve (1999), ter saúde e bem-estar no trabalho é necessariamente compreender a noção de sujeito e ator da sua própria vida e de sua vida no trabalho, numa relação social de troca com os outros trabalhadores, numa busca constante de conhecimento e de luta contra os mecanismos de desvalorização e de precariedade do trabalho, o que implica um processo de construção e um avanço das condições de trabalho e da qualidade de vida.

Buscamos compreender como as professoras veem essa relação entre as condições da profissão e sua saúde, ou ainda, os aspectos do ambiente educacional podem ser gatilhos para o adoecimento? A professora Simone diz o seguinte:

Sim! Tudo envolve, o meio que a gente está, é... procurar manter esse equilíbrio, porque cada dia é uma coisa nova que acontece, cada turma nova e quando termina aquele ano, parece que suga a energia da gente né... você sair da sala muitas vezes pensar no dia de amanhã... nossa, tinha vez que eu chegava em casa e deitava imaginando o outro dia e aí você só vai aprender que isso faz parte quando você amadurece”. (Simone)

Com relação ao ambiente de trabalho, Teresa concorda com Simone ao dizer que o meio pode influenciar de forma direta à saúde do professor: “sim, sempre tentei conviver bem com todos da nossa equipe, mas nem sempre isso acontece e acaba deixando um clima pesado e você sabe né, o psicológico da gente quando não está bem, acaba adoecendo” (Teresa). Desta forma, Freitas e Castro (2015) afirmam que todos os elementos repercutem na saúde física e mental do professor, que resiste a essas mudanças, que ainda pretende manter o papel de modelo social e o interlocutor do conhecimento, um profissional que não tenha um ambiente de trabalho saudável e condições para desempenhar suas tarefas está sujeito a ser acometido por estresses psicológicos e físicos.

Após um dado período de afastamento, ao serem diagnosticados aptos para voltarem ao trabalho, os professores nem sempre recebem de volta seus cargos de liderar classes, ministrando aulas para os alunos. Alguns são realocados e passam a ocupar outra função, como cuidar de uma biblioteca, laboratórios, sala de leitura, informática, auxiliar na secretaria etc. O que pode também ser um grande problema por gerar um sentimento de frustração pelo fato de terem se dedicado uma vida inteira ao magistério e, no decorrer da caminhada, diversos motivos abalarem a saúde, fazendo com que não possam mais exercer a profissão, sendo encaminhados para cargos com os quais, muitas vezes, não se identificam e obtendo um grande tempo ocioso dentro das suas novas funções. Macaia e Fisher, (2015, p. 843) ainda dizem que “Neste sentido, retornar ao trabalho em readaptação funcional encerra em si sua finalidade, ou seja, não tem a

intenção de fazer com que o professor retorne à atividade principal ou de prevenir novos afastamentos”.

Assim, por meio da pesquisa, percebe-se que as professoras precisam de apoio, de políticas públicas que ofereçam possibilidades de pontos de referência para a vida saudável, mudando, inclusive, a visão dos gestores em relação ao assunto. Em uma escola onde o ambiente é agradável, o professor acaba por sentir-se bem acolhido e, com isso, sua sensação de bem-estar aumenta, como consequência seu empenho acaba por ser maior, sua realização profissional e pessoal aumenta e traz benefício a todos que o cercam.

Assim, a atenção ao cuidado, à saúde e ao bem-estar na escola não deve se restringir aos alunos, mas incluir as professoras e as relações formativas nas quais estas estão envolvidas, com especial atenção para as relações sociais e a organização do trabalho docente.

Considerações finais

O presente estudo apresentou uma discussão acerca das causas que acentuam o adoecimento docente em professores, apontando situações de sofrimento que levam esses profissionais a se afastarem de suas funções. Assim, compreende-se que o adoecimento das professoras está relacionado ao ambiente, turmas lotadas, desvalorização, jornada de trabalho prolongada, por exemplo.

As docentes entrevistadas percebem o trabalho como um agente influenciador para o seu adoecimento, a busca por produtividade pelas instituições as faz sentir-se pressionadas levando-as ao estresse. Percebemos que havia a presença de doenças psicossomáticas, ou seja, distúrbios emocionais ou psiquiátricos que afetam também o funcionamento dos órgãos do corpo, como os calos nas cordas vocais, que foi um dos casos mais citados pelas docentes.

Essa premissa reforça a importância de analisar um coletivo profissional para entender o modo como determinada categoria é vista e reconhecida na sociedade, uma vez que as formas de adoecimento estudadas são predominantes entre vários professores que se encontram com a saúde fragilizada. Um fato importante com o qual todas as professoras entrevistadas concordam é que o adoecimento pode ser causa de desistência da profissão, e é por essa razão que o adoecimento no trabalho docente é um problema preocupante que afeta toda a sociedade, pois a educação contribui para disseminar a cidadania e promover cidadãos conscientes de seu papel nas transformações da sociedade.

Assim, as docentes precisam sentir-se mais seguras emocionalmente para exercer sua profissão e serem mais valorizadas. Portanto, ressalta-se a necessidade de olhar para as

condições de trabalho do (a) professor (a), para o seu bem-estar e para a sua saúde, e não somente para os resultados de sua ação profissional.

Referências

AGUIAR, A. M. da R. **O estresse ocupacional do professor do ensino superior: a relação entre os sintomas de estresse e a atividade docente em duas instituições de ensino superior da cidade de Teresina-PI.** Dissertação de Mestrado - Instituto de Ciências da Educação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. 2010.

BATISTA, A. S.; CODO, W. **Crise de Identidade e Sofrimento.** In: CODO, Wanderley (coord.). Educação, carinho e trabalho. 4 ed. Petrópolis: Vozes / Brasília: 2006. 60 p.

BENEVIDES – PEREIRA, A. M. T. **O processo de adoecer pelo trabalho.** In: Benevides-Pereira, A.M.T. (org.) Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador. 4. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2002.

CODO, W.; MENEZES, I. V. **Burnout: Sofrimento psíquico dos trabalhadores em educação.** Cadernos de Saúde do Trabalhador, 2000.

CODO, W. **Um diagnóstico integrado do trabalho com ênfase em saúde mental.** In: JAQUES, M.G; CODO, W. (orgs.). Saúde mental e trabalho: leituras. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

DORSCH, Friederich.; HACKER, Hartmut; STAPF, Kurt-Hermann (Coord.). **Dicionário de psicologia Dorsch.** Petrópolis: Vozes, 2001.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores.** Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FERREIRA. L. **Saúde emocional do professor.** Por que os professores estão adoecendo? Aprenda como prevenir e tratar suas doenças emocionais. 2. Ed. São Paulo. Letters; 2021.

FREITAS, C. A.; CASTRO, R. Saúde do professor: um olhar para o Brasil e para os servidores da Rede Municipal de Ensino de Uberaba – MG. XII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2015

JESUS, S. N. Desmotivação e crise de identidade na profissão docente. **Katálysis**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 192-202, jul-dez, 2004.

KUENZER, A.Z.; CALDAS, A. **Trabalho docente: Comprometimento e desistência.** In: FIDALGO, F; OLIVEIRA, M. A. M.; FIDALGO, N. L. R. (orgs.). A intensificação do trabalho docente: tecnologias e produtividade. Campinas, SP: Papirus, 2009.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1996.

MACAIA, A. A. S.; FISCHER, F. M. Retorno ao trabalho de professores após afastamentos por transtornos mentais. **Saúde Soc. São Paulo**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 841-852, 2015.

MASLACH, C.; JACKSON, S.E. The Measurement of experienced Burnout. **Journal of Occupational Behavior**, v. 2, n. 2, 1981.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social: teoria método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

NASCIMENTO, K. B.; SEIXAS, C. E. O adoecimento do professor da educação básica no Brasil: apontamentos da última década de pesquisas. **Revista educação pública**, Santa Catarina, v. 20, nº 36, Setembro, 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO. **Educação de qualidade para todos: um assunto de direitos humanos (UNESCO) Programa Mundial de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: UNESCO, 2007. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000150585>. Acesso em: 27 fev 2024.

OIT. Organização Internacional do Trabalho. Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br>. Acesso em: 27 fev 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre saúde mental: Transformando a saúde mental para todos**. Genebra, 2022. Disponível em: < <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>>. Acesso em: 27 fev 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Mental Health in the Americas: Depression**. 2023. Disponível em: < <https://www.paho.org/en/topics/depression>>. Acesso em: 27 fev 2024.

SCHWALM, P. H. **Saúde Docente: possibilidades e limites**. PDE – Gestão escolar Unioeste, Santa Catarina, RS: Unioeste, 2010.

SELIG, M. **A profissão docente frente as exigências da sociedade contemporânea: um olhar para a saúde do professor**. Faculdade de ciências sociais aplicadas, Xaxim, Santa Catarina RS: monografia, 2010.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.
TUOTO, E. A. **Síndrome de Burnout**. In: TUOTO, Dr. Elvio A. História da Medicina. Brasil, 2007.

Submissão: 02/03/2024. Aprovação: 11/07/2024. Publicação: 20/08/2024.